

POLÍTICA

GOVERNO

FHC rejeita queda de tarifas para apressar abertura

Ed Ferreira/AE

Em contraponto a Fraga, presidente diz que processo será compatível com a produção do País

DOCA DE OLIVEIRA
Enviada especial

OTERLO – O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que o processo de abertura da economia brasileira será conduzido de acordo com os interesses do setor produtivo nacional. “Isso vai ser feito assim, a tendência é de abertura”, disse, minutos antes de deixar o Museu Kröller-Müller, na cidade de Otterlo, na Holanda.

Em contraponto à opinião do presidente do Banco Central do Brasil, Arminio Fraga, Fernando Henrique previu um longo processo de negociação com o Chile, antes da adesão daquele país ao Mercosul e ainda afastou a hipótese de derrubada nas tarifas brasileiras. “Não se pode pedir ao Brasil que faça o que já foi feito pelo (ex-presidente) Fernando Collor”, disse Fernando Henrique. “Se cair a tarifa vai ter desemprego, vai ter problemas”, justificou.

A política tarifária brasileira divide opiniões em diversos escalões do governo. Em entrevista ao *Estado*, o presidente do BC defendeu que o Brasil amplie a abertura da economia, seguindo o exemplo do Chile.

Integrante da comitiva presidencial, o ministro das Relações Exteriores, Luís Felipe Lampreia, afirmou que não é possível acelerar o processo de abertura antes de as taxas de juros caírem mais e sem a aprovação da reforma tributária. “Seria incompatível com os juros internacionais, um suicídio para o setor produtivo”, enfatizou.

O presidente chegou à Holanda no final da manhã de ontem. Ele ficará hospedado na embaixada brasileira em Haia e volta ao Brasil na madrugada do dia 11. Fernando Henrique será recebido pela rainha Beatrix e pelo primeiro-ministro holandês, Wim Kok.

A parceria entre os dois blocos foi o principal tema da pauta de conversações mantida pelo presidente nesta visita à Europa. Ele se disse disposto a manter a pressão para a revisão das barreiras não-tarifárias e retomará o assunto durante visita que fará à Espanha no final deste mês. Fernando Henrique também defendeu que os países desenvolvidos ajudem os países emergentes a financiarem o proces-

so de redução da emissão de gases. Leia os principais trechos da entrevista:

■ **Abertura** – “Não haverá nenhuma abertura que não implique na consideração dos interesses do setor produtivo brasileiro. Isso vai ser feito assim, a tendência é de abertura. O que tínhamos proposto com o Chile, especificamente, era um cronograma para que pudéssemos avançar na integração do Chile ao Mercosul, definindo um cronograma para que, no tempo, nós nos aproximássemos. Hoje, a tarifa média praticada no Brasil deve ser da ordem de 7% a 8% e, em alguns setores, vai ainda até 35%, como no caso dos automóveis. Isso não é uma negociação que se possa deixar à margem, embora a tendência seja o que foi manifestado pelo presidente do BC.

“Essa é a tendência no mundo contemporâneo. O caminho, o processo para chegar lá, tem de ser o caminho que leve em consideração os nossos interesses. Nós estamos tentando ver com o Chile qual é a definição desse prazo aceitável por eles. Não se pode pedir ao Chile que eleve as tarifas, não tem sentido, mas também não se pode pedir ao Brasil que faça o que já foi feito, e que eu achei precipitado, pelo Collor de, de repente, cair a tarifa; porque você vai ter desemprego, vai ter problemas. Então, temos aí toda uma travessia, uma navegação que não é fácil.”

■ **Mercosul x União Europeia** – “(A cobrança por maior rapidez nas negociações de um acordo) não é bem uma ameaça aos europeus, é uma ameaça a todos nós. Eu vi que o presidente da Federação de Indústrias de São Paulo (Horácio Lafer Piva) voltou agora dos Estados Unidos dizendo que o Brasil deve preparar-se para a Alca porque ela virá. Então, é natural que a gente tenha a preocupação de que, quanto mais depressa nós tivermos acordo com a Europa, melhor, pois assim teremos como balancear nossas relações com o mercado da Alca. As conversas na Alemanha foram boas. O Schröder é claramente favorável. Estamos nos preparando para forçar mais ainda e eu, que vou à Espanha por outra razão, aproveitarei para conversar de novo com o Asnar (José, primeiro-ministro).”

■ **Protecionismo** – “Chegou a um tal ponto de escândalo o fato de haver subsídios tão eleva-



O presidente, em visita ao museu Kröller-Müller: obras de Van Gogh em vez de ‘assuntos menores’

dos, barreiras não-tarifárias tão elevadas e, ao mesmo tempo, falar em globalização, liberalização, que é do nosso interesse falar ‘cuidado, que negócio é este, para onde é que nos vamos?’.

SUBSÍDIOS:
‘AUMENTO
VIROU UM
ESCÂNDALO’

Chegou a um ponto em que todo mundo está percebendo que a globalização tem problemas, cria problemas. Também abre oportunidades.”

“No Brasil, obviamente aumentou muito a chance de se industrializar, ao contrário do que as pessoas que pensavam que haveria uma desnacionalização, uma desindustrialização, não houve isso. O

Brasil hoje está na vanguarda dos países emergentes em desenvolvimento científico-tecnológico e industrial, mas ao mesmo tempo tem problemas porque essas barreiras estão aumentando e o que vamos fazer? Vamos ter de lutar para repensar tudo isso.”

■ **Globalização** – “Acho que houve uma modificação importante na própria concepção de arquitetura financeira internacional. Está indo nesta direção, mais lentamente do que deveria ir, mas está indo. Os alemães também falaram na necessidade de um compromisso moral (por parte dos países desenvolvidos). Quem vê a globalização na África vê que é uma tragédia. A África está ficando muito à margem, com exceção de um ou outro

pedacinho. Hoje, a globalização, a tecnologia, a informação instantânea trazem também a consciência instantânea das dificuldades, por isso é preciso que se atue mais energicamente no sentido da transformação dos compromissos dos países mais avançados.”

■ **Clima** – “Temos uma posição de vanguarda na definição de regras que permitam o fundo de desenvolvimento limpo. Nós estamos dispostos a reduzir as emissões mas não sozinhos. Na medida em que haja investimentos num país como o Brasil, para ajudar que não emitamos CO₂, os países industrializados possam ir mais devagar no processo de controle de emissões.”